

Viagens na minha terra: da teoria ao senso comum

Fernando Matos de Oliveira

O leitor das *Viagens* depara-se frequentemente com manobras de antecipação tácita por parte do narrador, o qual aproveita para se colocar estrategicamente nas suas costas: “Eu gosto, bem se vê, de ir ao encontro das objecções que me podem fazer; lembro-as eu mesmo para que depois me não digam: —‘Ah, ah! Vinha ver se pegava!’” (101).¹ A partir do momento em que o narrador expõe desta forma a cena da leitura, o que se possa dizer a propósito do seu relato implica sempre um movimento de recuo, em busca de um lugar anterior, mais propício à fundamentação do juízo crítico. Esta não é a primeira vez que tal jogada ocorre no livro. Mais adiante, a propósito do receituário aplicado na fabricação da literatura romântica, o leitor descobre-se de novo tomado pela soberba do narrador, justamente antes de lhe serem concedidas umas quantas explicações sobre o modo “como nós outros fazemos o que te fazemos ler” (105). Referindo-se a estas encenações da sinceridade, Jacinto do Prado Coelho escrevia há algumas décadas que “talvez um pouco por amor da pose, pelo gosto de escandalizar o burguês, Garrett faz nas *Viagens* profissão de irracionalismo” (61). Creio, no entanto, que o suposto irracionalismo de Garrett convoca algo mais perturbador do que a pose ou o choque. Tomo, pois, a hesitação contida no advérbio usado pelo crítico português como uma oportunidade para rever os procedimentos irracionais de Garrett, confrontando-os com a relação que à época se estabelece entre a teoria (e a razão que ela pede), o nacionalismo e o romantismo (cf. Simpson). Para tanto, assumo

a integração das *Viagens* na cronologia da obra do autor, bem como a especificidade do lugar “nacional” que a originou. É certo que nada obsta a uma leitura imanente do livro, sobretudo tendo em conta uma tradição interpretativa excessivamente dominada pela intenção autoral. Ainda assim, entendo que a definição do *momentum* teórico-racional contido nas *Viagens* solicita igualmente as questões da História e as da Obra, ou melhor, as questões da obra enquanto questões marcadas por uma historicidade contígua ao “homem do mundo” que se exhibe no Prólogo, um conviva indiferenciado, “nas cortes com os príncipes, no campo com os homens de guerra” (78).

Uso o conceito de *momentum* também no seu sentido propriamente físico, enquanto massa em deslocação contínua, determinada pela conjugação tripla de inércia, movimento e direcção. Isto significa que em Garrett o ímpeto racional não é exactamente algo de imutável e fixo, embora permaneça no conjunto da sua escrita como apelo reflexivo. Interpretar os episódios de resistência à teoria presentes nas *Viagens* como produto de uma “pose,” apenas enfatizaria a componente teórica desse *momentum*, a sua versão mais disponível para legitimar na obra a presença de uma racionalidade instrumental, constante e igual, independentemente dos seus géneros e do seu devir. A mão escrevente deste autor, enquanto autor de teoria, manifestou-se de facto em títulos como o *Tratado de educação*, de 1829. Em todas estas “cartas dirigidas a uma senhora ilustre encarregada da instituição de uma jovem princesa,” como se indica em subtítulo, temos provas abundantes de racionalidade dirigida a fins. Mais do que isso, o texto contribuiu mesmo para a instituição de uma teoria que entre nós historicamente tardava.² O *Tratado* corresponde, portanto, ao momento afirmativo do autor enquanto teórico, onde devemos incluir o empreendimento cívico do vintismo, as especulações e sistematizações do *Portugal na balança da Europa* (1830), bem como grande parte do contributo parlamentar e legislativo de Garrett. Os trabalhos de índole teórica conferem à obra desta fase um *ethos* francamente produtivo, orientado para a mudança e para a transformação da esfera social, política e cultural. Julgo que o ímpeto teórico destas obras não sofre nas *Viagens* apenas uma inflexão de tipo estilístico, mas já uma modulação relacionada com a sua própria possibilidade, com a sua territorialidade, por conseguinte, com a felicidade do programa teórico num momento em que a universalidade do projecto liberal se confrontava com a avidez do baronato emergente e com as demais contingências da nacionalidade lusitana. Retomando os termos da Física, a deslocação inerente ao *momentum* abeira-se nas *Viagens* do instante da colisão.

Trata-se de uma resistência à teoria que no romantismo europeu, por exemplo, vem sendo assinalada por críticos como David Simpson. No caso inglês, a deriva anti-teórica assentou na recusa de dois factores essenciais a qualquer empreendimento racional: o *método* e a *teoria*. O primeiro elemento não é tanto um “sistema totalizante,” mas um modo de “fazer as coisas de acordo com um procedimento progressivo”; o segundo, a *teoria*, seria já declaradamente uma “projecção mental de tipo especulativo ou hipotético,” cujo poder de abstracção só ocasionalmente seria acompanhado pelas “capacidades executivas” do *método* (Simpson 7). Ora, numa coincidência impressionante, o *Tratado de educação* ilustra em Garrett a complementaridade deste mecanismo de acção afirmativa, chegando o autor português a antepor *sistema* e *método* ao que em Simpson se diz *teoria* e *método*. Exemplifico apenas com o período de abertura, dirigido “ao leitor,” onde se confirma a primazia da teoria sobre o estilo. Note-se que isto sucede antes de a escrita literária aplacar as veleidades da teoria, como creio que acontecerá nas *Viagens*:

Antes de dar uma ideia sucinta do meu *sistema* e do *método* que segui na redacção desta obra, pareceu-me necessário dizer algo sobre forma, estilo, e outras circunstâncias, que suposto não sejam as primeiras, não são todavia insignificantes nem para desprezar. (Garrett, *Obras* 2: 281; itálicos meus)

Neste momento teórico, é o racionalismo que mantém unidos os dois princípios, pois, “no âmbito do ideal racionalista, as projecções da teoria têm de estar em concordância eventual com as conclusões do método” (Simpson 8). Daí a negação científica do dogma e a admissão do risco inerente à matéria especulativa por parte do autor português, logo no segundo período, dirigido ao mesmo “leitor”:

Quanto à forma, dei a este corpo de reflexões a epistolar, que por mais singela e ataviada, mais se dá com a facilidade do estilo e sinceridade da expressão, e melhor quadra ao natural *pouco dogmático* de um autor despresumido de si, que *antes propõe como quem duvida*, do que assevera como quem sabe. (Garrett, *Obras* 2: 281; itálicos meus)

Note-se que o facto de ser dirigido “a uma jovem princesa” não faz do *Tratado* um livro conivente com o servilismo da preceptiva tradicional. O leitor fica a saber que o universalismo a que a teoria aspira não é lesado pelo circunstancialismo da dedicatória do autor. Ao invés, tal é racionalmente justificável pela maior relevância que a educação da futura soberana teria para o bem da

nação. Em síntese, este Garrett eminentemente teórico lembra-nos que o seu “livro não é um tratado de educação de príncipes, é um tratado de educação geral, que em sua generalidade até essa espécie compreende” (Simpson 8). A saturação sistémica do *Tratado* prova que a percepção do movimento teórico nas *Viagens*, enquanto rarefação metodológica, ganha em ser explicitada pela escrita que antecede e sucede às *Viagens*.

Esta rarefação insinua-se na crítica garrettiana em diversos momentos.³ Em 1943, António José Saraiva dá-lhe a forma de um compromisso céptico. O historiador da cultura explica assim o que designa como a “crise” das *Viagens*: “Em Garrett, o cepticismo é voluntário, é um suicídio de fadiga, e revela a agudeza do drama ou do problema em que ele se jogou” (*História* 1: 77). O sintagma “suicídio de fadiga” tem contudo maior profundidade analítica do que a “pose” irracional proposta por Jacinto do Prado Coelho. Trata-se de uma descrição que cauciona o que designarei como a territorialidade do esgotamento teórico, pois a “fadiga” fala no texto de Garrett uma linguagem nacional e predominantemente anti-teórica, seguramente contígua ao nojo filosófico do narrador (Mendes 77). Antes de prosseguir, vale a pena avançar com uma breve antologia dos seus enunciados anti-teóricos, dispensando, por enquanto, qualquer enquadramento co-textual:

A ciência deste século é uma grandessíssima tola. E como tal, presunçosa e cheia de orgulhos dos néscios. (*Viagens* 97)

Dessas traidoras praias [de França] da vossa índole e da vossa força, não tardará que também vos chegue outro Guilherme bastardo que vos conquiste e vos castigue [. . .]. (121)

Eu não sou filósofo [. . .]. Mas não sou filósofo, eu: estive no campo de Waterloo, sentei-me ao pé do Leão de bronze sobre aquele monte amassado com sangue de tantos mil [. . .]. (125)

Ora eu filósofo não sou, seguramente não sou, já o disse; de poeta tenho o meu pouco [. . .]. (137)

Porque desenganem-se, o mundo sempre assim foi e há-de ser. Por mais belas teorias que se façam, por mais perfeitas constituições com que se comece, o *status in statu* forma-se logo. (151)

Condillac chamou à síntese método de trevas: Fr. Dinis ria-se de Condillac [. . .] e eu parece-me que tenho vontade de fazer o mesmo. (162)

Este é um dos muitos pontos em que a religião das tradições deve ser respeitada e crida sem grandes exames, porque nada ganha a crítica em pôr dúvidas, e o espírito nacional perde muito em as aceitar. (175–76)

Detesto a filosofia e detesto a razão; e sinceramente creio que num mundo tão desconchavado como este, numa sociedade tão falsa, numa vida tão absurda como a que nos fazem as leis, os costumes, as instituições, as conveniências dela, afectar nas palavras a exactidão, a lógica, a rectidão que não há nas coisas, é a maior e mais perniciosa de todas as incoerências. (289)

Esta insistência prenuncia algo mais consequente do que a simulação irracional.

Com base nesta antologia, percebe-se que é sobre os fundamentos amolecidos da teoria que os valores locais e o programa literário do romantismo avançam. A própria cronologia dos restantes títulos do autor confirma a progressiva debilitação teórica e o reforço simétrico do nacional e do popular, já em trânsito acelerado para a entronização mítica do “povo-povo” nas *Viagens*. É sabido que “a partir de 1928, data da *Adozinda*, o interesse de Garrett pelo *Romanceiro* foi sempre aumentando” (Coelho 58). Este fortalecimento do discurso da nação traduziu-se em diversas tentativas de intemporalidade do arquivo cultural, acompanhadas pela sua aproximação crescente à expressividade popular, por oposição ao universalismo lexical e estilístico dos autores clássicos da juventude (cf. Monteiro). Mesmo quando a nação se mostra indigna do seu arquivo, como sucede na visita à monumentalidade arruinada de Santarém, a voz que enuncia o desastre é ainda a voz que fala em nome da nação intemporalizada. E se os pressupostos territoriais da teoria tendem para a des-nacionalização, o narrador responde com a nação mitificada, integrando-a no domínio da crença, na citada “religião das tradições.” Esta conservação temática e linguística aproximarão o autor de posições politicamente mais conservadoras. Trata-se de uma deriva que se verificou também no Garrett parlamentar: temendo as consequências da democracia directa, começou com a defesa de um método misto de eleição, mas terminou em regime distintivo, como Visconde.

Como é fácil de ver, a resistência ao universalismo da teoria beneficia o particularismo identitário dos valores nacionais. Daí a insinuação sobre o muito que o “espírito nacional perde” ao optar pelo exercício crítico da dúvida

(*Viagens* 175–76). A dúvida não interessa nem poderia interessar quando se trata de celebrar a crença na nação ou de pensar os portugueses como “povo-povo.” Às abstrações inquietantes do filósofo, o narrador das *Viagens* opõe coisas concretas, explicadas com verbos presenciais, como “estar” e “sentar”: ter estado no “campo de Waterloo” ou ter-se sentado ao pé do respectivo Leão de bronze, num “monte amassado com sangue de tantos mil” (125). Mais do que isso, o narrador tende a crer que a abstracção da teoria nem sequer pode melhorar a realidade concreta das coisas nacionais.

Como vimos acima, idealmente, uma teoria pede um método que a realize. No *Tratado da educação*, o jovem Garrett mostra que foi capaz de conjugar momentaneamente o que designa como *sistema* e *método*. No tempo das *Viagens*, a situação não é já a mesma. A escrita resume a descrença em maior grau e os portugueses tão-pouco parecem conseguir aplicar os materiais teóricos importados: “Por mais belas teorias que se façam, por mais perfeitas constituições com que se comece, o *status in statu* forma-se logo” (151). A citação antecipa realmente o mal da burocracia que abastarda a destinação instrumental da teoria importada. A burocracia emperra as iniciativas sistémicas e, nas páginas das *Viagens*, todos os seus supostos representantes são perseguidos por uma crítica digressiva que vem a fazer o estilo do livro. Que a burocracia lusitana não era o método que a teoria pedia percebe-se pela descrição repetida das prodigiosas “mangações liberais.” Antes destas, seria tudo “com muito coração e poucas palavras, muito patriotismo, poucas leis . . . e menos relatórios” (113). A desgraça patrimonial deve-se também à Câmara de Santarém; a sua decadência monumental origina-se num sistema tomado pela falácia burocrática, por via do “feliz *sistema* que nos rege” (226; itálicos meus). O sistema emperrado é então um dano atribuído a toda a nomenclatura da governação, desde o “Ministro da marinha” ao “governo civil,” ambos responsáveis pela corrupção moral do povo (228, 292).

No seu conjunto, o investimento anti-teórico presente nas *Viagens* revela uma componente histórica e retórica. A historicidade desta resistência tem que ver com aquilo a que o autor, num momento particularmente ilustrativo, chama “pecado da infância,” conferindo à teoria, e à política que esta arrasta consigo, o crédito das traquinices juvenis. A citação que se segue, feita na forma interrogativa, situa em França a teoria recebida em défice experiencial:

Quem me diria quando, por esse primeiro pecado político da minha infância, por esse primeiro tratado duro, e—perdoe-me a respeitada memória de meu santo

pai!—injustíssimo, que me trouxe o mero instinto das ideias liberais, quem me diria que eu havia de ser perseguido por elas toda a vida! que apenas saído da puberdade havia de ir a essa mesma França, à pátria desses homens e dessas ideias com que a minha natureza simpatizava sem saber porquê, buscar asilo e guarida? (130)

Mas há uma notável passagem que no livro sintetiza os contornos deste conflito teórico, ao mesmo tempo que reafirma as negociações inevitáveis entre a teoria e o nacionalismo. O excerto introduz-nos igualmente a uma guerra entre as nações, a uma espécie de luta pela cor da teoria. O texto toma a forma de um aviso aos “amigos ingleses,” os que em primeiro lugar acolheram a pessoa do autor aquando do exílio:

Bebei, bebei bem zurrapa francesa, meus amigos ingleses; bebei, bebei a peso de ouro, essas limonadas dos burgraves e margraves de Alemanha: chamai-lhe, para vos iludir, chamai-lhe hoc, chamai-lhe hic, chamai-lhe o hic haec hoc todo inteiro, se vos dá gosto . . . que em poucos anos veremos e estado de acetato a que há-de ficar reduzido o vosso carácter nacional. (121)

A chave do texto está contida na referência ao “acetato.” O dicionário diz-nos que o acetato é composto por um líquido incolor, de cheiro picante e sabor ácido. Nas *Viagens*, o incolor do acetato ilustraria o estado da nação que bebesse “zurrapa francesa.” Dito de outro modo, beber a teoria gaulesa transformaria em vinagre qualquer promessa de bom vinho. Mas o conflito não termina por aqui. O que se lhe segue constitui uma inédita actualização daquelas anedotas passadas entre um francês, um inglês e um português. O remate que Garrett lhe imprime surge logo a seguir à narração do episódio da traição das praias francesas. O francês é passado, foi vagamente a infância vintista; do inglês resta algo nas *Viagens*. E do português? A resposta do narrador surge como pergunta que reafirma a vinculação do vinho à nacionalidade, a ponto de a bebida se insinuar como *thesaurus* pré-teórico entre as nações mais dadas ao trabalho metodológico: “o que é um inglês sem Porto ou Madeira?” (121). Nestas questões de mérito, os fins nacionais justificam por vezes meios bárbaros. A anedota é contudo do género negro, pois a nacionalidade factual do Porto só retoricamente é portuguesa—o que nos deixaria simultaneamente sem pinga e sem nacionalidade. Mas talvez isto se deva a uma real preferência pelos ingleses na escala das nacionalidades. Nas *Viagens*, os ingleses chegam virgens a França, berço da teoria política do Continente: “Em tudo, para

tudo, é assim. Chegou um dia um inglês a Paris; um inglês legítimo e *cru*, virgem de toda a corrupção continental” (227).

Um dos recursos mais usados para arrefecer a teoria francesa consiste na valorização de um outro anglicismo, o “senso comum.” Julgo que foi Herder Macedo quem primeiro alertou para a positividade desta viragem inglesa em Garrett, via Jeremy Bentham, tomando-a como “um acto revolucionário de intervenção política” (Macedo 17). Apesar de tudo, recorro ao significado nacional do episódio no qual uma dor de cabeça leva o narrador das *Viagens* à célebre troca de Bentham por Camões. A troca parece reverter simbolicamente a favor da nação cultural, no sentido em que esta representa a organicidade e a homogeneidade identitária que Herder lhe atribuiu. Ainda assim, as *Viagens* trocariam a teoria pelo utilitarismo. Já nos fragmentos de um *Diário da minha viagem à Inglaterra*, do período vintista, a imagem da Ilha é descrita em termos explicitamente utilitários: “Tudo quanto é *útil* acha protectores e promotores: feliz gente, abençoado país” (Garrett, *Obra* 2: 479; itálicos meus). Neste *Diário*, os termos exactos da linguagem coincidem igualmente com os do utilitarismo. Assim, se o Velho Mundo dá mostras de se atrasar na mudança da humanidade, é à América que o autor confia as suas esperanças quanto à felicidade do maior número: “ao menos que em o novo alguns passos se andarão para a felicidade humana” (*Obra* 2: 479).

A argumentação a favor do “senso comum” representa um dos grandes compromissos da economia política e discursiva de Garrett. A opção contém algo de redentor, perante as consequências da descrença teórica e as necessidades evidentes do lugar português em que essa mesma descrença se origina. De entre os vários apelos ao senso comum, o mais exemplar é o que conclui a apresentação das ideias do célebre “cavo filósofo de além-Reno” (*Viagens* 90). Perante o impasse teórico contido no par espiritualismo-materialismo, o narrador manifesta a sua frustração enunciando o advento salvífico do senso comum: “O senso comum virá para o milénio: reinado dos filhos de Deus! Está prometido nas divinas promessas” (91).⁴ As insinuações relativas ao senso comum e ao utilitarismo não constituem exactamente uma contradição quanto ao que tenho vindo a dizer sobre a negação da teoria, pois o utilitarismo é uma filosofia de tipo moral, nas palavras do próprio Stuart Mill (45). A questão do nacionalismo nas *Viagens* só é realmente compreensível num quadro moral, mesmo de crença. Além do mais, para o caso inglês, o benthamismo aceita o “princípio da imprecisão”; a imprecisão era o modo de a literatura inglesa se defender das ameaças da teoria da Revolução Francesa e de se definir

como nacionalidade (Simpson 143). Sendo a literatura uma forma superior de “imprecisão,” é também por ela que a teoria fracassa nas *Viagens*. Junte-se a isto o romantismo desta literatura e ainda a abdicação teórica que a opção pelo registo autobiográfico encerra, eis como o ímpeto teórico se desvanece.

Além dos gestos de mitificação nacional, o regime da imprecisão propaga-se nas *Viagens* de duas formas suplementares: através do feminino e através da religião. O feminino é o género historicamente associado à literatura, contrariamente à imagem masculina da teoria. Carlos, um teórico juvenil, dizia a Joaquina que ela jamais poderia compreender o seu excesso de energia—Joaquina, não o esqueçamos, é o centro da literatura no livro das *Viagens*. Quanto às imprecisões de índole religiosa, muito haveria para dizer. Fico-me pelo paralelismo entre a secreta admiração pelos frades, pela sua capacidade de “poetizar” ou espiritualizar as paisagens (mais literatura e imprecisão, portanto), e a adesão de Garrett ao dicionário do *Génio do Cristianismo*, de Chateaubriand. O livro do autor francês, recorde-se, era também o resultado das interrogações de um exilado sobre o futuro das Letras, agora que só os mistérios cristãos poderiam resgatar a aridez espiritual promovida pelo aburguesamento de Paris, após o final do Antigo Regime. Em 1953, António José Saraiva chamava a atenção para a excepcionalidade da história de Carlos e Joaquina no conjunto da obra do autor, ao referir que geralmente “Garrett não tinha imaginação para inventar intrigas” (*História* 2: 23). A afirmação foi produzida no contexto da análise do teatro de Garrett e terminava acrescentando que o autor se encontrava “no drama romântico como um peixe fora de água,” pois o mais frequente era ele receber dos modelos clássicos “temas já tratados” (2: 23). Este défice de imaginação assenta bem num crítico racional como José António Saraiva, mas no caso enuncia de facto o afrouxamento teórico de Garrett no seu livro maior, investindo antes na fabricação romântica de uma nacionalidade intemporal.

O abrandamento teórico e metodológico nas *Viagens* traduz-se, finalmente, no esgotamento do modelo setecentista das Letras como “ficções da realidade” (cf. Damrosch). Neste sentido, podemos entender as *Viagens* como o prenúncio do seu ocaso, paradoxalmente através da sua revisitação saturada. Entendo, por isso, que a afecção nacional e o trabalho da imaginação impedem a integração plena das *Viagens* no modelo ficcional-publicitário de setecentos. Sobre este assunto vale a pena convocar as alegações pragmatistas de Stanley Fish quanto ao desfasamento entre o modelo crítico solicitado por essa literatura e a pretensão de académicos contemporâneos em a fazer

migrar dos departamentos de estudos culturais para além das fronteiras do *campus*.⁵ Ora, lendo os 49 capítulos das *Viagens*, percebemos que neles se assiste precisamente a uma endogeneização (que o devir literário tornará definitiva) da instância crítico-teórica. Se a viagem pelo Vale de Santarém traduz algum acréscimo de conhecimento—o narrador chega a negar as “rabiscaduras da moda,” ao género das simples *Impressões de viagem*, e lamenta as poucas viagens dos seus conterrâneos—a jornada de Garrett mostra-nos apenas a migração já demasiado espessa da teoria, afastando-se mais decididamente do espaço parlamentar e jornalístico, não ainda para o isolamento do actual *campus* universitário, mas já para o espaço *simbólico* da literatura, sintomaticamente na companhia da novela que protagoniza a menina dos rouxinóis.

Logo no início do livro, o leitor tinha sido avisado sobre a natureza simbólica do percurso: “Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo” (*Viagens* 91). Esta concessão ao simbólico sobressai mais nas *Viagens*, precisamente porque aqui o autor deixou de praticar as habituais distinções genológicas, por exemplo, ao escrever crónicas para os jornais, discursos para o Parlamento ou dramas para o teatro. Isto significa que a cedência da teoria é também de ordem discursiva. Nas *Viagens*, como vimos, a “novelização” neutraliza a teoria política e o “senso comum” remanescentes, privilegiando a literatura no livro e o livro como literatura. Porque a teoria esmoreceu, porque o apelo já não é feito à razão mas apenas à “Razão divina,” porque subsiste a nostalgia da ordem teórica, o narrador antecipa a dúvida com uma derradeira encenação nas costas do leitor:

E eu que escrevo isto serei demagogo? Não sou.

Serei fanático, jesuíta, hipócrita? Não sou.

Que sou eu então?

Quem não entender o que eu sou, não vale a pena que lho diga . . . (307)

Notas

¹ O termo “narrador” constitui aqui uma nomeação legitimada pelo hábito. Sobre a indeterminação e a autoridade da sua voz vale a pena confrontar as posições de Victor Mendes (17–38).

² Sobre a vertente rousseauiana deste “corpus” teórico leia-se o livro de Fernando Augusto Machado, intitulado *Almeida Garrett e a introdução do pensamento de Rousseau em Portugal*, no qual podemos também perceber os avanços e recuos da cronologia que presidiu à instituição de um discurso teórico entre nós.

³ Augusto da Costa Dias tentou ainda salvar a teoria por via da retórica dialéctica. No célebre prefácio que dedicou ao texto maior de Garrett, qualificou a obra sintomaticamente como uma “autêntica dissertação de crítica dialéctica consciente” (43).

⁴ E em Santarém a promessa de um liceu que ficara “fora na gazeta” e não no “tinteiro” justifica-se porque até “hoje não fica nada no tinteiro senão o bom senso” (*Viagens* 292).

⁵ Stanley Fish é particularmente enfático a este propósito: “It is not so much that literary critics have nothing to say about these issues [oppression, racism, terrorism, etc.] but that so long as they say it *as* literary critics no one but a few of their friends will be listening” (1). A segunda alegação de Fish é mais atípica, já por excesso histórico, e tem que ver com a motivação deste discurso politizado, proveniente de críticos que se ocupam sobretudo com a literatura dos séculos XVI e XVII, mormente da época isabelina-jacobina. Ora, em sua opinião, o facto de em tais épocas as fronteiras entre o literário e o não-literário terem sido mais permeáveis, não significa que o discurso crítico por elas suscitado seja igualmente válido para a situação contemporânea, pois as condições materiais que regulam a existência moderna do literário são bem diferentes (37).

Obras Citadas

- Bentham, Jeremy. “Principles of Morals and Legislation.” *The English Philosophers From Bacon to Mill*. Ed. A. Burtt. New York: The Modern Library, 1939. 791–95. Impresso.
- Coelho, Jacinto do Prado. *A Letra e o leitor*. Lisboa: Moraes Editores, 1977. Impresso.
- Damrosch, Leo. *Fictions of Reality in the Age of Hume and Johnson*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1989. Impresso.
- Dias, Augusto da Costa. “Estilística e dialéctica.” *Viagens na minha terra*. Org., fixação do texto, prefácio e notas de Augusto da Costa Dias, Lisboa: Editorial Estampa, 1983. Impresso.
- Garrett, Almeida. *Obras completas*. 2 Vols. Ed. Teófilo Braga. Lisboa: Empreza da História de Portugal, 1904. Impresso.
- . *Portugal na balança da Europa*. London: S.W. Sustenance, 1830. Impresso.
- . *Tratado da educação*. London: Sustenance and Stretch, 1829. Impresso.
- . *Viagens na minha terra*. Lisboa: Editorial Estampa, 1983. Impresso.
- Fish, Stanley. *Professional Correctness: Literary Studies and Political Change*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999. Impresso.
- Macedo, Helder. “As *Viagens na minha terra* e a menina dos rouxinóis.” *Colóquio/Letras* 51 (1974): 15–24. Impresso.
- Machado, Fernando Augusto. *Almeida Garrett e a introdução do pensamento de Rousseau em Portugal*. Lisboa: Asa, 1993. Impresso.
- Mendes, Victor K. *Almeida Garrett. Crise na representação nas Viagens na minha terra*. Lisboa: Cosmos, 1999. Impresso.

- Mill, John Stuart. *Utilitarismo*. Coimbra: Atlântida Editora, 1976. Impresso.
- Monteiro, Ofélia Paiva. *A formação de Almeida Garrett: experiência e criação*. Coimbra: Centro de Estudos Românticos, 1971. Impresso.
- Saraiva, António José. *Para a História da Cultura em Portugal*. 2 vols. Lisboa: Livraria Bertrand e Gradiva, 1980 and 1995. Impresso.
- Simpson, David. *Romanticism, Nationalism and the Revolt Against Theory*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1993. Impresso.

Fernando Matos de Oliveira is a professor in the Faculdade de Letras of the Universidade de Coimbra. He is the author of *Teatralidades. 12 percursos pelo território do espectáculo* (Angelus Novus, 2003) and *Poesia e metromania. Inscrições setecentistas [1750–1820]* (Diss., Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008) and the editor (with Maria Helena Santana) of *Melodrama II: texto, imagem, som* (Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, 2010). His current research deals with Theater and Performance Studies as well as Modern and Contemporary Portuguese Literature.